

FLORES do DESERTO

MÁRCIO CATUNDA



FLORES do DESERTO

Rio de Janeiro | 2025

Copyright © 2025 by Márcio Catunda

Coordenação

Ventura Editora

venturaeditora.editor@gmail.com

Conselho Editorial

César Manzollillo

Claudia Manzollillo

Rivane Oliveira

Editor-chefe: Jorge Ventura

Capa

Val Mello

Revisão

Ricardo Alfaya

Márcio Catunda

Diagramação

Victor Marques

CIP – Brasil – Catalogação na Fonte

Emilly Luiza Vidal da Costa CRB1 (1ª Região) 3822

C369 Catunda, Márcio.

Flores do deserto. / Márcio Catunda. – 1.ed. –
Rio de Janeiro: Ventura Editora, 2025.

120 p.

ISBN: 978-65-85705-40-0

1. Literatura brasileira. 2. Poesia. I. Título.

CDU: 821.134.3(81)-1

DIREITOS RESERVADOS

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem a autorização prévia e por escrito do autor. A violação dos Direitos Autorais (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Impresso no Brasil

2025

*Um poeta errante,
que montou num cachalote,
foi para Paris dançar um xote
e virou cidadão do mundo.*

(Mano Melo)

*Nô fundo do poço,
um labirinto de céus
tira os pés do chão.*

(Luís Antonio Cajazeira Ramos)

*Perguntei por mim, ninguém
sabia quem era.
Eu disse: é um conhecido
meu que gostava muito daqui.*

(Soares Feitosa)

*Eu te contemplo
como se fosses uma luz em mim.*

(Celso de Alencar)

Como sairemos da pré-história do homem?

(Anderson Braga Horta)

PREFÁCIO

Por ser Amigo de longa data, colega de estudos formais e também, ainda melhores, informais, parceiro na boemia e nas libações divinais, irmanado liricamente eu me sinto com o vate que aqui nos apresenta a última floração de sua lavra, a espantar a desértica existência, ameaçada até do perigo de extinção. Sim, os falsos profetas das be-nesses tecnológicas nos ameaçam com a oferta de vida eterna e segura, nem que seja fora do planeta maravilhoso que destroem. Numa das flores que brotam aqui do deserto, sutilmente, nos informa o poeta: a inteligência artificial não se diverte. E se ela nos diverte, melhor ficarmos advertidos, quanto ao que estamos assim perdendo, nos perdendo, enveredando em mau caminho, sem fio de Ariadne que nos permita reencontrar a entrada (e a saída é pela entrada).

Nos escritos poemáticos aqui enfeixados, encontro ressonâncias poderosas com aqueles que também venho trazendo de último à vista de algum/a leitor/a: um transbordamento da sensação de viver conscientemente, com o entusiasmo e a perplexidade que isso enseja.

Há também um desdobramento dessa sensação, quando posta em contato consigo mesma: o arrebato com o próprio ato poético e a posição ética a que ele conduz, assim como à fragrância do

invisível que nos explicaria o que não podemos explicar, nem deveríamos tentar.

E há humor, diversão, em quantidade bem equilibrada com a seriedade, mesmo porque, brincar é coisa séria, mesmo que seja com coisa séria. Brincar com as palavras, brincar com quem lê, brincar ao escrever e aliviar o viver. Tudo pode ser visto como jogo, brincadeira, *leela* — como denomina o hinduísmo essa faceta faceira do cosmo, onomatopieicamente. O resultado é um humanismo apresentado com ironia, um misticismo eclético, existencialista e uma experiência com o léxico, que rompe com o academicismo.

Não me agrada me demorar em prefácios, postergando o que afinal interessa: a leitura do prefaciado. Que passe então, quem aqui antes se deteve, incontínenti e incontinente ao deleite de mais esta obra impagável de Márcio Catunda! Evoé!

Rio de Janeiro, 24 de julho de 2024

Willis Santiago Guerra Filho,
Professor Titular da Universidade Federal do
Estado do Rio de Janeiro,
aliás,
Santiago Willis Da Silva e Guerra, Poeta,
ou melhor,
Zico, Amigo.

SUMÁRIO

Sanyasis, **12**

Hora íntegra, **13**

Fora de lugar e de tempo, **14**

Monge, **16**

Fé, **18**

A consagração dos sete sentidos, **19**

Acelerações, **20**

Anarquismo pacifista, **22**

Um desagravo para Julian Assange, **23**

Voracidade, **24**

Dia dos santos poetas, **25**

Interpretação do humano, **26**

A resistência da minha poesia, **27**

Contingentes periféricos, **28**

Expectativa, **29**

O espelho e a percepção, **30**

Ciência viva, **31**

Mando ou desmando?, **32**

Pacto insólito, **33**

Redutos, **34**

Preciso de mim, **35**

Ciência personalizada, **36**

Perplexidades, **37**

Indagações, **38**

O teatro e a peste, **39**

Luta descomunal, **40**

Desperta!., **41**

A boca, **42**

Gente que nos habita, **44**

A tirania da tripa, **45**

Mãos, **46**

Da boa vizinhança, **47**

Da boa vizinhança II, **48**

O arranjo da providência, **50**

Antítese, **51**

Diversões, **52**

Canção da lucidez, **53**

Escotomas cintilantes, **54**

Nova sintonia, **56**

Destinos, **57**

Museu interativo, **58**

Anúncios urgentes, **60**

Convocação, **61**

Horizonte livre, **62**

A máquina do tempo, **63**

Psiquiatria, urgente, **64**

Em louvor do ansiolítico, **65**

Miserere, 66

Sobre as guerras, 67

Sujeito autêntico, 68

Ladainha do dinheiro, 69

Poema das malas, 70

Onde não se é ninguém, 71

A pérfida pretensão, 72

Dou testemunho, 73

Ainda estamos, 74

Tudo é reciclável, 76

Gota, 77

Ou não?, 78

Maxixe do pato e do sapo, 79

Tratado esperto sobre a preguiça, 80

No dia do eleitor, 82

Balada dos insatisfeitos, 83

Considerações sobre a punheta, 84

O elogio do peido, 85

Apelo, 86

Sete anos de leitor, 87

Desconcerto, 88

Deglutir-se, 89

Louvações, 90

Catunda, 91

Poeta direi que sou, 93

Pseudo-fingidor, 94

Poema em linha torta, 95

Triste Brasil, 97

Com fé e gorgulho, 98

As bombas, 99

O fogo da Globo, 100

Soneto de fidelidade ao humor, 101

Meus oito anos de fusca, 102

Quem sempre vence, 104

Ária camoniana, 105

Versos populares, 106

Exorcismo, 107

Epitáfio bocagiano, 108

Motivação, 109

Três episódios drummondianos, 110

Minha banda, 111

Trocados e truncados, 112

Mais uns trocados, 113

Hebdomadário, 114

Rimas em “U”, 115

Frenética mente Zol, 116

Fominhas, 117

Logofolias, 118

SANYASIS

A Tanussi Cardoso

Dizem que os *sanyasis*
não contam os anos
pelas horas de alegria.
Para eles, não existem as quimeras do futuro.
E a ansiedade é uma brincadeira de criança.
Eu, que vejo um mundo de ideias embargadas,
quisera ser um *sanyasi*.
O *sanyasi* não se chateia.
O *sanyasi* ri do mal-estar civilizatório.

HORA ÍNTEGRA

Dominus est domus mea.

Uma via clara se abre,
depois da encruzilhada.
A vida vivida é saudade.
A vida por viver é respirar.
Respiro e abraço a manhã de júbilo.
Primavera é isto:
respirar inventando o próprio ritmo.
Respirar
é o momento mais alto da vida.

FORA DE LUGAR E DE TEMPO

A Marta Pinheiro

Não sei quando me livrarei
da impressão de que ando
fora de tempo e lugar.
Se eu viajasse do Oriente ao Oriente do Oriente,
como fez Álvaro de Campos,
acharia o meu lugar
no campo ou na cidade?
Parece-me que também o mundo
está fora de lugar
(e de tempo, porque este tempo
em que vivo se me afigura
uma persona da face
de uma entidade/identidade enigmática).
Não sei. Não sei se caminho
ou se busco refúgio
em algum lugar que seja o meu,
no passado ou no futuro.

Não sei se, ao caminhar,
fujo de mim
ou se sou o meu presente,
sendo a ausência de alguma coisa.
Já disse da vagabundagem lírica.
Já disse de caminhar veloz
e sem rumo.
Quando serei o tempo
de um silêncio de plenitude?
Quando encontrarei o meu lugar
nesta história de sentimentos e experiências?

MONGE

Sou dos monges
que não perdem o hábito:
da biblioteca à cela,
na disciplina ascética,
o passeio no claustro
é caminhar no bosque do vilarejo.
É natural do místico
esse estudar a mecânica
do Primeiro Motor.
O Monte Carmelo é a quietude
do arvoredor.
As horas canônicas
são este conflito de mim comigo,
no Mosteiro da Batalha.

Carmina Burana são as cordilheiras
na perspectiva lacustre.
As luzes matinais são os turibulos
do meu templo heterodoxo.
O peregrino adora o colosso
que clarividencia tudo.
O ócio de contemplar as nuvens
é o seu exercício cisterciense.
O peregrino se alegra
com o silêncio sacramental
e a policromia dos ornamentos
da Natureza.

A CONSAGRAÇÃO DOS SETE SENTIDOS

A Jorge Alfredo Furtado

FÉ

Uma saudade que é uma pergunta.
Um vazio que é uma incógnita.
Uma perplexidade que se faz angústia.
Como se não houvesse o presente.
Como se o passado fosse mais que derrota.
Como se o futuro prefigurasse o delírio.
Os encontros são uma ficção de vozes e imagens.
Comunicação em proporção geométrica.
Entendimento em proporção aritmética.
Sigamos sonhando:
os sonhos nos dão o que a vida nos nega.
Tenho, por cima dos sentidos,
a fé em que, um dia, a humanidade substituirá
o fuzil pelo violino
e a metralhadora pelo violoncelo.

Os olhos, que buscam densidades espectrais
para o prazer da pineal.
Os olhos eu os dedico ao céu cristalizado.
Os ouvidos, que recolhem abstratas vibrações de ar,
eu os dedico aos passarinhos.
A boca – que ingere água, carbono e proteínas –
está a serviço do néctar do conhecimento.
O nariz, que sonda voláteis resinas,
está consagrado ao aroma que alimenta a pituitária.
O tato dá testemunho do corpo
e diz da concretude da Terra.
A intuição é o sexto sentido.
O hexágono deriva das cinco portas da consciência:
a ela o mais acendrado culto.
O sentido de humor é o sétimo.
É uma oferenda às horas de serenidade.

ACELERAÇÕES

Em tempos de muitas correrias,
vou contigo na lapela,
Prudência, porque és
o fósforo desta faísca enigmática.

Meio-dia estival.
Cigarras em uníssono com a fonte.
Vou pela sombra da calçada.
Ouço um estranho assovio,
talvez do pseudoprotagonista de mim.

O Sol se reflete nas carcaças
dos automóveis.

Com os bolsos cheios de papéis
(anotações, dados biográficos de vários poetas),
atravesso a rua.

Os carros vão e vêm, numa inquietação ruidosa.

Os adolescentes querem voar
nos patinetes.

Os adultos estão agoniados, e os cachorros correm
com eles, no concurso geral de chegar primeiro.

Entenebrecidos de velocidade e estridência,
vão também os motoqueiros.

Tomara que as calçadas tenham
sempre bancos, onde eu escreva,
olhando a cidade
como quem
compreende a Máquina do Mundo,
na avenida que as ambulâncias escandalizam.
Tomara que possamos sempre andar
ensolarados e confiantes.

Viver parece uma corrida em que apostamos
num paradeiro afortunado.

Dizem que é sinal dos tempos andarmos
todos acelerados.

Apesar de tudo,
setembro:
pura veneração da vida.

E o Sol é palpável na atmosfera álaçre.

ANARQUISMO PACIFISTA

Ilusão e Realidade jogam
pingue-pongue na mesa da retentiva.
A Vida no baralho do Destino.
Com a extrema lucidez de compreender
que a liberdade vai além da imaginação,
decreto mais um dia de anarquismo pacifista.
Na minha aflitiva itinerância,
oro no altar de um jardim.
Escrevo o Evangelho da Iluminação.
Caminho com o tempo,
numa sorte de histerismo literário.
Com o sal do pacifismo,
o enxofre da neurose
e o mercúrio do anarquismo,
componho a pedra filosofal da minha obra literária.
Não há poesia:
o que há é um vestígio de vertigem.

UM DESAGRAVO PARA JULIAN ASSANGE

Martirizam o revolucionário que revelou os
segredos das cloacas.
O profeta pós-moderno é perseguido,
porque gritou “Abaixo a prepotência!”
Em nenhum lugar do mundo existe o direito de
exercer a oposição.
Toda oportunidade de viver em paz é reprimida.
Ninguém ousa dissuadir a intimidação.
Ninguém protesta contra o castigo imposto
ao fugitivo da injusta miséria.
As ovelhas obedientes aplaudem
os fabricantes da mercadoria mortífera,
elevam aos pedestais
os deuses da falsa numismática.
A culpa é da humanidade
que não reconhece a própria estupidez.

VORACIDADE

Passou a noite tempestuosa,
em que foi preciso girar
num carrossel atormentador.
Passaram os dias melancólicos,
eivados de harpias e duendes.
Dias abomináveis que, se pudéssemos,
apagaríamos do calendário.
Passou, também, a vertigem do êxtase.
O torpor veloz da gula fatal.
Permanecem, no entanto,
a sede intermitente de apoteoses,
o assédio de temores e expectativas
e os infernos aziagos nas calçadas.
Tento compreender
a sucessão de circunstâncias inusitadas,
mas só posso confessar minha perplexidade

DIA DOS SANTOS POETAS

O dia de todos os santos poetas
é o dia da minha glorificação.
São Bandeira dá banana pra bandalheira.
São Drummond estruma a ruma de dromedário.
São Cabral dá cabo da cabala macabra.
São Camões mete a mão nos mamões.
São Gullar estrangula a gula do lúgubre lugar.
São Pessoa: peça que seque o poço da peçonha.
São Quintana, quita a cana da quitanda.
São Vinícius, sem os vícios e os benefícios.
São Sá-Carneiro, cordeiro de Deus, no altar da Poesia.
São Antero de Quental canta no meu quintal!
Faróis do meu horizonte.
Luzes da minha constelação familiar.
Doutores no estudo do problema humano,
esses heróis merecem o nosso endeusamento.
Não haverá pontífice que os canonize?
Viva eu cá na Terra, chorando por esses mártires
que morreram por mim
(e, depois, rindo, ressuscitaram
no terceiro dia
e estão aqui, redivivos).

INTERPRETAÇÃO DO HUMANO

Para Eduardo Törnaghi

Por sermos animais ferozes,
habitados por uma luz,
a realidade nos concede o bálsamo do vento.
Sobre o fio transparente,
que nos leva do delírio
à consciência (e vice-versa),
somos vulneráveis ao espelho das mutações.
Entre a consciência e o travesseiro,
examinamos a noite do mundo
e sonhamos com um despertar
em que não haverá mais nem vencedores nem vencidos.
(O império linguístico prescindirá
da reputação das armas.)
Entre o remédio e o arremedo,
temos, por ventura, a imaginação,
temperada pelo sentimento
e pela amizade, que é também um dom da Poesia.

A RESISTÊNCIA DA MINHA POESIA

A poesia social anda de ônibus.
A poesia lírica anda de táxi.
A poesia épica anda de metrô.
A poesia espiritual anda de avião.
A poesia substantiva anda a pé.
A poesia cívica anda a cavalo.
A poesia bélica anda de quatro.
E, não sendo eu,
um poeta qualquer,
minha poesia está de pé!

A vida é transitória.
Fulano é transgênero.
Os alimentos são transgênicos.
O infrator transgride.
O nômade transmigra.
A minha Poesia transcende.

CONTINGENTES PERIFÉRICOS

Somos todos mendigos.
Somos marionetes do sistema hipócrita.
Somos forçados a dizer sim à engrenagem opressora.
Somos escravos dos estrategistas da usura.
Não decidimos coisa alguma.
Apenas nos avassalamos no feudo
dos energúmenos.
Desconhecemos a condição marginal
a que nos reduz a trama nefasta.
Somos uns quixotes que se deleitam na própria derrota.
Iludidos, concordamos com o disparate.
Adaptamo-nos aos desmandos,
coniventes com a distopia infame.

EXPECTATIVA

Estou quase chegando à doidice ideal.
Quando a ela chegar,
serei um samaritano que derrama flores
quando alguém chorar nos jardins;
serei pontual como os que aparecem para corrigir;
serei um tanto omissos, ao espreitar o silêncio.
Serei implacável com os desiludidos
e insensato com os que me intimidaram.
Estou à beira da doidice ideal.
Quero ser um doido manso,
como tenho sido um palhaço alegre,
pela graça de Deus.

CIÊNCIA VIVA

A Diana Rech

O ESPELHO E A PERCEPÇÃO

O espelho não revela
a nossa exata imagem.
Sendo cada espelho diferente
um do outro,
os maus espelhos são maus exemplos:
alteram a sensibilidade
e perturbam as percepções.
Um espelho manchado
deforma a imagem que projeta.
Narciso, num extremo;
e o espelho, no outro.
Quando ambos estão embaçados,
dos dois lados mora um bobo.
Onde está o sábio?

Esta volúpia que nasce da alma (que é corpo)
e transcende o corpo!
Esta necessidade de escrever em êxtase!
Esta fuga do tédio, à procura do sublime!
O Dr. Freud não deixou de registrar esta sede
que faz o poeta querer avançar no pote do conhecimento
e beber todo o lenitivo do saber, sem saciar a ânsia de estesia.
(Da energia do corpo, tanto foi dito;
mas, do corpo da energia, há tanto por dizer).
O poeta não nasceu para ser um vagabundo dos gabinetes,
mas para exercer, ao ar livre,
a sua insensatez peripatética.
Leitor hipócrita, que te qualifique o implacável Baudelaire.
Compreendamos, de uma vez por todas,
esta mirabolante introspecção:
com a ciência viva de não ser acadêmico nem louco varrido,
misturo cem mililitros de libido
com cem mililitros de *kundalini*, num tubo de ensaio.

MANDO OU DESMANDO?

A Rosani Aboul Adal

Coisa divina seria
não se precisar mandar em ninguém.
Cada qual que mande em si.
No entanto, neste mundo
em que todo mundo é dono da verdade,
todo mundo está montado
no jumento do comando, determinando o que é
preciso e o que nem precisa.
Todo mundo quer decidir por você (e decide).
Cada mando é um desmando,
que só aumenta a desmiolada mandação.
Porque o uso se fez abuso
e berração virou aberração.
Como é que se pode ser gente,
quando todo mundo é tudo
e ninguém é ninguém?

PACTO INSÓLITO

Não seria aqui mesmo
a *Laguna Estigia*?
Aqui, no Inferno, ao lado do Paraíso;
aqui, no púlpito da Sinagoga,
onde desembarcam os réprobos, da nave de
Caronte?
Aqui, onde a paciência e a revolta
travam batalha em mim.
Ormuz e Ariman, em eterna luta:
tiranicídios, parricídios, genocídios,
suicídios...
Somos os olhos dos anjos
e os dentes dos diabos.
Nos capitéis do espírito,
o Arcanjo Gabriel golpeia o demônio.
Na urna do obscurantismo,
o Bem e o Mal fingem
que são inimigos;
dão-se as mãos e as apertam,
até se romperem as falanges.

REDUTOS

A Cairo Trindade (In memoriam)

O dentro disse ao fora: – Entra!
O fora disse ao dentro: – Sai!
E cada um, irresoluto,
restou no seu
irredutível
reduto.

PRECISO DE MIM

Preciso de mim,
procuro-me por toda parte.
Onde será que me escondi?
Procuro um poema
que se faz de vítima e foge.
Na falta de companhia,
vou dormir com o vazio
dos meus pensamentos.
Se a chuva afugentar o sol,
compro um guarda-chuva
e vou passear com a poesia.

CIÊNCIA PERSONALIZADA

Sou aquele santo pecador
de que as Sagradas Escrituras falam.
Sou também o teósofo pagão,
idólatra de todos os deuses.
Estou dividido entre esses dois caminhos.
Persisto numa teimosia
contra tudo e contra todos.
Para a minha síndrome existencial,
tomo vários remédios filosóficos.
O livro da vida é uma enciclopédia,
da qual sou leitor inveterado.
Busco uma ciência que me ensine
a fórmula do bálsamo da conformação.
Busco-me como uma lenda perdida e reencontrada.
Ando sob a luz mais estridente do Sol,
com o destino ancorado nas costas.

PERPLEXIDADES

Que bom é o ruim,
quando não é o pior!
Que nítida
a caricatura dos histriões,
depois que o circo passa!
Que irresoluto,
o pêndulo da expectativa!
Que bailarinas
valsam as horas na memória cósmica!
Que veloz as pétalas,
pulverizadas na grelha da depuração!
Que estranho se afigura
o filme do tempo,
protagonizado
por bufões ridículos!

INDAGAÇÕES

Onde resgatar o ato falho?
Como fazer valer o que poderia ter sido?
Que segredo jaz na treva que antecede a Aurora?
Como reconciliar
a perspectiva do Eterno
com a expectativa do relógio?
Que sabemos dos dias nulos de Lázaro?
Que hierofante exorcizará o demônio das notícias?
Quando as harpias cessarão
de anunciar os nossos epitáfios?
Que troféu merecemos,
em desagravo a tanta afronta?
Quando é que o juízo do mundo vai me dar uma
trégua?
Em que me firmarei,
quando os anjos tocarem as cornetas?
De que caverna de covardia
desenterrarei a minha coragem?

O TEATRO E A PESTE

Solidão nas ruas e nas casas.
O teatro e a peste,
travestidos de paz e guerra,
lançam-me tentáculos.
Outono interior.
O medo de existir
é servido em bandejas.
Vamos estranhando os espelhos:
o horror conflagrado em telas cintilantes.
Quero sair.
A cidade está cheia de monstros.
Giro numa dança de dervixe,
impulsionado pelo motor Cronos.
Com o sono do escombros,
assomo à sombra do mundo:
abraço o problema com unhas e dentes.
Guerreiro em desespero,
passeio de navio no céu,
de avião na terra
e a cavalo no mar.

LUTA DESCOMUNAL

Sei que não se deve dizer que uma coisa é muito difícil
pra não torná-la ainda mais difícil.

Como, porém, dizer que é fácil uma coisa que é difícil?

Sei, também, que a facilidade e a dificuldade
têm dimensões simétricas e proporcionais.

Como pode, no entanto, a facilidade vencer,
quando ambas se atracam, medindo as forças,
num judô, que é uma capoeira e um “ai-que-dó”,
em que elas, entre esquivações e cambalhotas,
dão-se rasteiras e se esboroam, desarticuladas?

DESPERTAI!

A lei, no moderno Estado,
dá direito ao iludido:
dormir é incentivado,
despertar é proibido.

A ordem é despertar.
É preciso estar alerta.
Sair e depois entrar,
pelo vão da porta aberta.

Despertai, gente sem fé.
Atentai para o milagre:
o Espírito sempre é.
Que a sua luz nos consagre.

Despertai, gente dormida!
Batei à porta da frente.
Se a verdade é proibida,
liberá-la é urgente!

A BOCA

A vida é uma questão
de se saber onde se põe a boca.
A criança faz da boca
o receptáculo da sua experiência.
Os cachorros, os gatos,
os mosquitos só se divertem lambendo tudo.
À proporção que a inteligência
se desenvolve,
a boca se torna menos preponderante?
Mas como é difícil comer
o tanto e a qualidade certos!
Boca da noite, boca do mundo,
boca de fumo, boca pequena, boca do lixo.
Boqueirão do Arara.
Bocaccio, Bocage.
Desconfie da sua boca,
tanto pelo que entra quanto pelo que sai.

Boca de sino tem o falastrão.
Boca do mundo é boca de canhão.
Boca, onde a língua
é um instrumento de comunicação em trânsito!
Que o cérebro seja um servo da boca,
para que a prudência
seja a medida dos meus excessos
e a boca da verdade
não me morda a mão.
Boca escancarada.
Língua ao dentista.
Farpas de permeio.
Céu da boca!
Do beijo? Ai! Nada digo.
(A boca diz o que escuta do coração).

GENTE QUE NOS HABITA

Pulmões: jornalistas climatológicos
que noticiam os projetos da engenharia eólica.
Enfermeiros das células que se fatigam
como lâmpadas insólitas.
Estômago: Alquimista.
Provedor de enxofre, mercúrio e sal
ao estoque das texturas planetárias.
Intestinos: zeladores do fogo e da chaminé.
Varredores das sinuosas veredas
por onde se escoia a produção marginal.
Coração: taquígrafo das emoções.
Motorista de plantão
que distribui a caudalosa correspondência orgânica.
Nervos: tecladistas, cujo instrumento
se desafina no diapasão do tempo.
Eletricistas que iluminam a plataforma da sensibilidade.
Cérebro: radioamador
que ouve mensagens enigmáticas.
Arqueólogo que escava os porões do indecifrável.

A TIRANIA DA TRIPA

Costumava meu cérebro mandar
nos antros do corpóreo labirinto.
Têm hoje os intestinos o lugar
da primazia entre a razão e o instinto.

A senectude: deglutir e obrar,
eis como vivo em meu reles recinto.
A tripa é soberana em seu altar
e ordena um consumir demais sucinto.

Num controle das gulas, jamais visto
por parte das papilas comensais,
a víscera, como um tirano audaz,

um pacto com o Tempo trismegisto
por certo celebrou e, pelo visto,
fez dele seu devoto capataz.

MÃOS

A esquerda e a direita me têm sido úteis.
Com a direita, escrevo e faço outras proezas.
Com a esquerda, abro a porta com chave.
Sei que as mãos, que tanto me ajudam a viver,
devem distribuir o bem
e procuro usar as duas mãos com essa finalidade.
Uso as duas mãos, não desprezo nenhuma,
já que a Natureza mas disponibilizou
para o trabalho da sobrevivência.
Os cinco dedos em cada mão
são cinco ferramentas flexíveis
que trazem néctares à minha boca
e afugentam os ratos do meu deserto.
Só tenho um certo cuidado em evitar a contramão.

DA BOA VIZINHANÇA

Nestas horas, de atroz calamidade,
martela suas paredes o vizinho,
mostrando sua sensibilidade
na percussão: o seu talentozinho.

Com Rachmaninov, em probidade
compete. E, em sutileza, é um passarinho.
Um filósofo sem veleidade,
por quem Nietzsche nutriria carinho?

Eu dedilho, no entanto, o meu teclado,
tentando ignorar o estardalhaço
de um mundo de que só resta um pedaço.

Sair já não se pode? Emparedado,
ouço os trancos de um malho sincopado.
Menos mal, que não seja no espinhaço.

DA BOA VIZINHANÇA II

Se o mundo luta
contra um bandido;
um poluto,
empedernido...
Na sua gruta,
faz alarido.
De manhã cedo,
sem qualquer pressa,
esse arremedo
ele começa.
Ninguém me chama,
ninguém me late,
ninguém reclama
do disparate.
Só o vizinho,
o coitadinho,
o “coitadelo”!
Com seu martelo,
no bate-bate,
me dá combate.

No seu ofício,
cava orifício
nos continentes.
E os contingentes
por que não ouvem
esse Beethoven?
Já tem dois meses
desses revezes:
que lá de riba,
lento e violento,
o homem derriba
o apartamento.
Só na batuta
ele labuta.
Que grandessíssimo!

O ARRANJO DA PROVIDÊNCIA

Entre bárbaros e barbitúricos,
sob os martelos
de Al Capone e Don Corleone,
assistimos ao pingue-pongue dos genocidas.
Herodes e Calígulas
arvoram-se em nossos líderes?
Hitler e Stalin reaparecem, energúmenos,
debochando da nossa paciência?
Um vampiro invisível carregou
alguns dos nossos melhores amigos.
O nosso patrimônio está na nuvem
que flutua na incerteza do vento.
A Cidade dos Poetas virou um cadafalso.
Sobreviver é um ato de heroísmo.
Mas o Sol nasce todos os dias.
(E, no equilíbrio da balança,
um peso compensa o outro.)

ANTÍTESE

A Soares Feitosa

Cronos vomitando Zeus.
O predador assediando Prometeu.
Osires, retalhado e reconstituído.
Fênix: fogo e cinza, eternamente.
Prosérpina, ofuscada pela luz da caverna.
A obsessão e o desânimo,
na luta do sim e do não.
O comércio do corpo com o espírito.
A promissora manhã,
prenúncio do anoitecer.
Vigor do dia que a intempérie espreita.
A sensibilidade do homem
e a distância do horizonte.
A emoção de Eros e a razão de Psiquê
compõem a dicotomia humana.
Peripécia da Natureza:
a unidade traz em si a dualidade
e a diversidade.

DIVERSÕES

A diversão do vento é fazer a água evaporar.
A diversão do silêncio é conspirar contra o barulho.
A diversão do palhaço é parecer que tem graça.
A diversão do olho é se encharcar de luz.
A diversão da perplexidade é quase entender.
A diversão do instante é se fantasiar de eternidade.
Falar só é a diversão de ser criança.
(Duvido que uma inteligência artificial
se divirta mais do que eu).

CANÇÃO DA LUCIDEZ

Eu era feliz quando era doido.
Gritava sermões ao vento,
e a Terra se engalanava com os meus delírios.
Eu me divertia com a intriga
das Eríneas com Morfeu.
Até o vinho intragável das Mênades
tinha infinita doçura.
É tarde demais para voltar a endoidar.
Que me resta fazer?
Murmurar, melancólico, no vazio,
e deixar que a noite venha.
Mas já não sei imergir nas sombras.
Como é tranquila e triste a minha lucidez!

ESCOTOMAS CINTILANTES

Cintilações dentro e fora do campo visual.
O frenesi das luzes intempestivas.
Dissonâncias mentais ao redor,
relâmpagos misteriosos;
fogos de eletricidade ocular:
meus escotomas são os troféus
do meu sacrifício de Poeta itinerante.
Costuras irisadas fremem.
Cristas aleatórias se desenham,
vertiginosamente translúcidas.
Álgidos florilégios enigmáticos,
fulgores frisantes da pineal e da hipófise:
meus escotomas relumbram como pétalas fulgurantes.
São eles um jardim que reverbera
o prêmio espiritual da minha resignação.
Arco-íris íntimo, inusitado,
vertigem visual de cromática transmutação;
alumbradora alquimia,
à qual já quase me acostumo,
porque a recebo de inopino,
com clarividente languidez
e susto devocional.

Meus escotomas são a luz imprevista no fim do túnel,
os prenúncios das visões da Via Láctea,
que um dia contemplarei,
quando eu for capaz de ver a luz da imensidão.
Rosas de fogo, cintilações neuroniais,
sejam eles, pois, um delicado fardo
de raios benevolentes,
transitando entre as glândulas cerebrais
e o nervo óptico,
no abraço da luz, sombra vertiginosa.
Sejam eles a aura clarividente das minhas sensações.

NOVA SINTONIA

A Costa Senna

Para todos os males, existe a panaceia.
Para a descrença,
existe a utopia.
Para os meus pecados, o perdão.
Para a minha escuridão, os amanheceres.
Para os meus sofrimentos, o dia do grande júbilo.
Para o meu pranto, existe a gargalhada.
Para o meu nada, existe o infinito.
Para o meu vazio, a plenitude.
Para o meu *underground*, um Five Stars.
Para o alarme dos meus nervos, existe o botão da paciência.
Por isso, não tenho pressa. Onde preciso ir, irei.
E sei que sempre chegarei a algum lugar.

DESTINOS

No percurso da imensa trajetória,
nascemos no Jardim do Éden,
nafragamos no Dilúvio,
bebemos fogo no Pentecostes.
Nos confundimos na Torre de Babel,
renascemos na Terra Prometida.
Cobiçamos o Ouro de Midas,
erguemos o Colosso de Rodes.
Buscamos o Velocino da Cólquida,
imaginamos a Pedra Filosofal.
Cavamos a Cloaca Máxima,
caminhamos Mil e Uma Noites pela Rota da Seda.
Atravessamos a Sublime Porta,
nos equilibramos no Pêndulo de Foucault.
Vivemos Cem Anos de Solidão
e esperamos absolvição no Juízo Final.
A Cidade de Deus era Troia, de onde Heitor
dos Prazeres
afugentou o corno Menelau
que estava de olho nas pupilas do Senhor Reitor.
Capitu se encontrou com o Padre Amaro
no quintal do Cão de Baskerville.
Dom Casmurro, qual Madame Bovary,
fugiu em desabalada carreira.

MUSEU INTERATIVO

John Milton e Bezerra da Silva
na Legião da Boa Vontade.
Teresa de Ávila e Bukowsky
no carro alegórico da tentação.
Lawrence da Arábia e Quincas Berro d'Água
no oásis do delírio.
Capitu e Madame Bovary
no lupanar de Tereza Batista.
O Conde de Monte Cristo
com os irmãos Karamázov na Montanha Mágica.
O Maradona e a Madonna
nas bodas do Padre Amaro.
A Garota de Ipanema
com o mercador de Veneza,
aos gritos e sussurros.
O alienista e seu irmão alienígena,
na casa do primo alienado.

Godard esperando Godot
e ouvindo “Admirável gado novo”.
Macunaíma e a Cantora Careca
assistindo ao “Último Tango em Paris”.
A Terra em transe,
e uma gota d'água, caindo em vidas secas.
Sargento Getúlio, Major Policarpo Quaresma,
o Coronel e o Lobisomem
lendo “Memórias do Cárcere”,
nos subterrâneos da liberdade.

ANÚNCIOS URGENTES

Procura-se um lugar
onde se possa pensar.
Procura-se um tempo desarmado de ameaças.
Procura-se uma circunstância
que pareça menos horripilante.
Procura-se o dia em que acordaremos do pesadelo.
Procura-se um campo
onde não germine a cizânia.
Procura-se o recanto onde se consolem os infelizes.
Procura-se o espaço
onde os canalhas não apalpem nossos bolsos.
Procura-se uma estrela
que nos guie na tempestade.
Procura-se a saída do Inferno.
Procura-se aquele meio-dia inatacável!

CONVOCAÇÃO

Vamos nos desmamar.
Banhemo-nos na pia
dos novos bálsamos.
Desataviemo-nos.
Não sejamos mais o animal acorrentado que
temos sido.
Aceleremos os passos
para nossa plenitude.
Velemos a veleidade de não dormir.
Autorizemos os procedimentos regenerativos.
Metamos as mãos no desvelo
até recobrar a performance.
De minha parte,
cessarei de maldizer o instante
e esmurrarei os maus pensamentos,
até a conformação total
ou a revolução retificadora.
Presente em toda parte,
a luz é a hora e o lugar.
De olhos abertos é que varamos
a madrugada do futuro!

HORIZONTE LIVRE

Nem Sodoma nem Tebaida.
Nem lesma nem Fórmula Um.
Nem jejum nem Pantagruel.
Nem bordel nem hecatombe.
Nem deserto nem dilúvio.
Nem Babel nem Torquemada.
Nem Tsunami nem Vesúvio.
Nem faraó nem fariseu.
Nem águia nem Prometeu.

A MÁQUINA DO TEMPO

O tempo não passa,
mas deixa marcas.
Imprime as impressões.
Máquina de exponencial sensibilidade:
grava memórias e as dispersa.
O tempo é um cabriolet
num roteiro de sonhos.
O tempo é uma invenção da vida
ou é ele o inventor?
A vida é máquina que gera a si própria
e não conhece o automecanismo da criação.
O tempo engendra a propulsão íntima
em que existimos.
Motor de altíssima voltagem.
Artefato animado
de sensíveis cilindradas.

PSIQUIATRIA, URGENTE

A Agamenon Honório

Se eu fosse eleito, mandaria instalar
um psiquiatra em cada esquina.
O bar, o barbeiro e o bárbaro são necessários.
O psiquiatra é essencial.
O manicômio é o primeiro motor.
A embriaguez é o paliativo.
A loucura, o placebo.
A luz das tabernas é furtada do fósforo pelo vento.
O manicômio é um *opus infinitum*,
levantado do chão e fixado nas constelações.
Fiat lux, Deus falou no primeiro dia,
e assim se fez a farmácia.
Só no sétimo dia,
Ele descansou
pra ver o jogo do Fluminense.
Tudo é veneno.
A psiquiatria é o antídoto.

EM LOUVOR DO ANSIOLÍTICO

Ansiolítico, és anti-ideia fixa, desobsessor,
produtor da benevolente sonolência,
em que repousa o torturado sistema nervoso.
Desacelerador das sinapses turbulentas,
tu me dás o bem-estar que se contrapõe ao estresse.
Suavizas a sensibilidade hiperativa,
trazendo um bálsamo
para a minha dor psíquica e emocional.
Unguento que acalma
as angústias minhas,
afastas o medo, esse inimigo atroz e corrosivo!
Apesar dos efeitos colaterais, és o rei dos fármacos,
porque, plenipotenciário de Morfeu,
fazes dormir o sofrido, libertando-o
da implacável tirania da ansiedade!
Tu, que respiras por mim,
és meu *alter ego*.
Só não podes é me substituir.

MISERERE

A Jorge Ventura

Uma sociedade deformada
só pode forjar ambientes insalubres.
É gente que sai de casa
e se depara com gente catando comida no lixo.
É gente dormindo nas calçadas.
É gente com medo de gente.
O estardalhaço da população
mostra que tem doido em todos os quadrantes.
A fome campeia no manicômio geral.
Na sociedade do susto e do horror,
fantasmagóricos seres
engendram o caos e o perigo.
A sociedade tacaña é um berro de aberração.
É um abismo de abominações.
Sociedade da esmola e do tiroteio.
À mercê dos instintos ferozes,
cada pobre arrasta a cruz do Cristo,
que cada Herodes rico sentenciou.
Enquanto se junta o inútil ao desagradável,
a mão de obra soçobra.

SOBRE AS GUERRAS

Perguntam-me de novo sobre as guerras.
Digo que é coisa de gente rancorosa,
que tem a pretensão
de montar no jumento do comando
e possuir a verdade.
Gente ranzinza,
cheia de complexo de inferioridade,
que valoriza mais a grana
do que a amizade.
Gente antissocial.
Baixo-astral.
A mais triste
condição de um ser humano é a de homicida.
Toda guerra é uma guerra de *merda*.
E, o pior,
é que não conseguimos dar descarga.
Das guerras, pouco digo:
Viva o desertor!

SUJEITO AUTÊNTICO

Qualquer que seja o governo,
estou na oposição.
Os governos são uns Saturnos
que devoram os filhos.
Qualquer que seja o dogma, discordo.
Não faço nada por obrigação.
O desconfiado sobrevive,
porque discerne e chega ao cerne:
vaticina mas não pontifica.
Inteligente é o que desconfia de si.
Vê-se no espelho e se pergunta pela realidade,
que se projeta além da imagem.
Percebe então a espantosa condição humana,
com seu banquete de escabrosos comensais.
Tem gente que te ensina a nadar.
Tem gente que te empurra a cabeça
pra debaixo da água.
Deslealdade merece condescendência
ou porrada?
A ironia é o protesto do homem educado.
A violência é a estupidez do arrogante.
Deixemos que o tempo diga quem tem razão.

LADAINHA DO DINHEIRO

Dinheiro leva a pique
Dinheiro torna inteiro
Dinheiro causa o baque
Dinheiro companheiro
Dinheiro faz a trégua
Dinheiro é o cacique
Dinheiro é paradeiro
Dinheiro dista léguas
Dinheiro dá um fraque
Dinheiro no letreiro
Dinheiro mede a régua
Dinheiro dá chique
Dinheiro que maneiro!
Dinheiro *fi-dum'égua*
Dinheiro candeeiro
Dinheiro paga o craque
Dinheiro no celeiro
Dinheiro cura o tique
Dinheiro brasileiro
Dinheiro dá destaque
Dinheiro mais dinheiro
Nunca vi doido rasgar dinheiro.
Menos ainda quem é Super-Doido.

POEMA DAS MALAS

Minha cruz são duas malas que
(graças a Deus) arrasto pelas calçadas,
pelas escadas, pelos aeroportos e pelas estações ferroviárias.
Com elas, percorro os nove perímetros da Terra
e tenho merecido dos amigos
o honroso título de “Cidadão do Mundo”.
Minhas malas queridas
me fazem ter o dobro do meu peso.
Apesar disso, com elas enfrento temporais e poças d’água.
Essas generosas companheiras
levam-me as roupas, livros e remédios.
Com as malas, escrevo minha Odisseia.
Sei que é uma insensatez
andar por aí, feito um cigano.
Mas, não desisto.
Levando um patrimônio vivo na bagagem,
o viajor apátrida, sequioso de horizontes,
embarca e desembarca,
sob céus e tetos,
girando nas rodas,
pisando chãos das poeiras
de todos os ventos.
Creio que o santo, guardião
da porta do Paraíso, me dirá:
Entra, peregrino,
cuidaste bem de tuas malas!

ONDE NÃO SE É NINGUÉM

Na fronteira de inspeção aeroportuária, fomos
despidos de documentos, dinheiro, maleta,
computador, e até do cinto. Sob olhares
incriminadores, passamos, segurando as calças (menos
mal que não caíam as vestes pela cintura abaixo).
Ali, debaixo do arco da suspeição, a lâmpada verde ou a
vermelha determina, com um apito, o nosso destino.
Somos, ao cruzarmos o umbral da sorte (ou do azar?),
talvez, nem uma das criaturas que Deus projetou
para ser gente. Passamos pelo “rito”, reabilitamos
a compostura, recolhendo a indumentária e outros
objetos da bandeja.
Sobrevivemos. Escapamos do Santo Ofício ameaçador
das eminências que nos anularam. (Sensação de alívio
no regresso à expectativa de ser alguém.

A PÉRFIDA PRETENSÃO

Neste mundo, em que precisamos desconfiar de tudo e de todos, os banqueiros e os bancários olham o meu pequeno dinheiro como um tarado olharia uma grande bunda.

Os bancários, em nome dos banqueiros, estão preocupados com o dinheiro do funcionário aposentado e lhe oferecem um fundo, que é uma sigla, uma senha a ser decifrada na cripta da religião mercantilista.

A indulgência é a “vantagem de resgate automático”. Um “rendimento superior” é o bônus *credit*, entre outras tentações.

Acontece que o dinheiro está na conta das grandes corporações internacionais, produtoras de petróleo, armas, aviões e novos bancos.

O cliente comum não tem dinheiro para agradecer o bancário. O assalariado, já massacrado pela Fera Insaciável chamada Receita, é uma vítima do cinismo, que não conhece limite.

É que todo mundo anda caçando a grana, como quem procura um rato no sofá: a cabo de vassoura, com garras, tentáculos e dentes. Opa, se cair uma moeda no chão, pode acontecer uma rixa.

Há notícias de que fulano tem um cofre? A turbamulta arrebanha martelo, pé de cabra, alicate e chave de fenda pra abrir, arrebentar e desbaratar os cornos de bronze da fortuna.

DOU TESTEMUNHO

Eu vi. Foi num bar da Gogoia.

Que instante fecundo!

O Mano Melo e a cantora Madonna, falando bem de todo mundo.

Dando gargalhadas, quando lhes revelei nossas anteriores encarnações.

Ele fora um lorde, que virou um monge moralista.

A Madonna,

madre superiora de um convento em Oxford.

E eu, o sacerdote que os casou na lei anglicana.

Mano achou a história bacana.

Madonna me chamou de sacana.

Eles se abraçaram, e eu me fui, tomar um *coffee*.

O que aconteceu depois, só conto em *off*.

AINDA ESTAMOS

Para a amiga Verônica Filippovna

Estamos aqui
até quando houver quando.
Se estou aqui, tu estás aí.
Estou aqui pensando lá onde irei.
Além daqui, o Além.
Além do Além, o não-lugar.
Estamos aqui,
onde há vida, ainda.
Perto e longe, no centro,
no alto presente.
Viver, estar, habitar, existir.
Participar.
Aqui, decifrando a esfinge.
Lá, no princípio do enigma.
Aqui fluidez.
Lá, coloidal.
Aqui, geometricamente.
Lá, além da metafísica,
na física da meta que é e não é.
Aqui, na estética ética,
mística, dialética.

Lá, na sintaxe da imaginação,
dicção da arte.
Talvez, ao mesmo tempo,
ou não, no sentimento vital.
Ainda estamos no tempo indizível,
no espaço filosofal,
com as proposições e conjunções
da emoção ambiental:
ser e não-ser na encruzilhada.
O chão, onde as coisas nos chegam,
e a verificação intrínseca.
Estamos ainda aqui
e, se não estivermos,
eu não tô nem aí aí!

TUDO É RECICLÁVEL

Tudo é descartável,
inclusive, o baralho.
Mas tudo é reciclável,
inclusive: a ciclovía,
a bicicleta, a encíclica
e a enciclopédia.
Tudo respinga na pessoa.
Não só a chuva.
Todo uso cai em desuso;
mesmo, o parafuso.
Tudo é confuso.
Até o fuso do Confúcio.
Parafuso frouxo,
onde a chave do ajuste?
Tudo se recicla: alma e corpo,
na espiral do tempo,
até a purificação do mundo.

GOTA

Água:
H₂O
Agarro os 2 e Ó.

(Antônio Gutman)

A gota serena
é preferível à tempestade.
Umidifica, mas não humilha.
Sendo líquida, não líquida.
Apenas adia o dia
do flagelo da seca.
A gota serena é preferível à míngua,
ao esvaziamento sensorial.
Ela é certeza permanente:
raiz da explosão inicial,
choro do espírito, atrelado à carne,
fruto no dia sazonado.
Perfume do arco-íris,
misteriosa flor que se dissolve
na atmosfera inescrutável,
a gota serena flutua
sempre em futura viagem
ao mar jamais antigo.
Orvalho no jardim de pedra,
lágrima de um soluço
que se dispersa no ar.
Que água existirá
no sonho vaporoso do nada?

OU NÃO?

Não sei se sim ou não
ou se nem não nem sim.
Se sei ou não sei,
nem se saberei ou não:
eis a questão, ou não?
Sei ao menos que não sei,
ou nem isso saberei?
Se vivo apenas aqui
ou se além chegarei.
Se tudo ou nada me convém
se tudo e nada, nada são.
Se sou a média,
entre o nunca e o sempre.
Se tendo ao infinito
ou não passo de zero.
Será que sei mesmo
o que quero?
Sei de onde venho?
Sei para onde vou?
Tenho certeza ou dúvida?
Ou, as duas coisas;
ou, nem uma coisa nem outra?
Se me equivoco
e busco a perfeição,
ou se tudo é imaginação.
Se vale a pena pensar tudo isso ou não?
Quem souber me diga
(ou não).

MAXIXE DO PATO E DO SAPO

O pato topa no sapo,
que salta no salto
de um sapato.
Pato que patola
dá bola pra boi *boiola*.
É patente que o pato topa tudo,
até dourar o prato prateado.
A pata do pato não empata
o paternal *páthos* patológico.
Nem aparta o aspartame do certame de Esparta.
Sapo-sabão é saponáceo.
Pato de sapato é papo de sapo.
Patada de pinto é pintada.
Sapo que se atrapalha é sátrapa.
Pato na ativa é patativa.
O sim do pato é simpatia.
O *punk* espanca
o pato do tanque ianque.

TRATADO ESPERTO SOBRE A PREGUIÇA

A preguiça prega e enguiça,
mas é gostosa como linguíça.
A preguiça é castiça e não atiça.
Preguiça de ir à missa.
Preguiça rima com Macunaíma.
Preguiça prebiótica, por anaeróbica.
Presbítera, pelo recolhimento.
Enquanto houver preguiça, haverá esperança.
Para a felicidade geral da nação,
diga ao povo que a preguiça fica.
Preguiça-comum:
na casa, na rua, na calçada.
Preguiça sofisticada:
na cama, na suíte, na rede da fazenda.
Preguiça-de-coleira:
hábito inveterado.
Preguiça-real, sedentária, solidária e solitária.

Preguiça-republicana:
pendurada no galho: parasita do organismo social.
Preguiça fértil, de agricultura biológica.
Estufa em composto de biomassa.
Bagaço de preguiça.
Sucata de sacarina.
Resina de resíduo vital.
Indiferença ao metrônomo do carpinteiro.
Preguiça nascitura.
Jamais pregressa.
Ai que prazer ficar na cama feito um otário,
abestalhado!
Que relevância tem o que está lá fora?

NO DIA DO ELEITOR

Quem se deita
no leito do eleitor?
Quem por ele labutou
e se deleita?
Que pare o partido?
De que páreo parte o partidário?

Com que afã se afana
o fanático, que é fã da asma do fantasma!
Eis que o exaltamos,
do alto da sua alteração:
uma Fanta à azia da sua fantasia!
Uma Coca ao luxo da sua coqueluche!
Uma sanha ao campo
da sua assanhada campanha.
Uma palanca
na anca de seu palanque.

BALADA DOS INSATISFEITOS

O micróbio quer ser macrobiótico.
O microcosmo quer ser microscópico.
O McDonald's quer ser McCartney.
O mictório quer ser Mick Jagger.
O macabro quer ser macambúzio,
e ninguém está satisfeito.
A Parca finge ser traça.
O mudo quer mudar o mundo.
O hétero quer éter de Eros.
O antropólogo quer logo o antro do polo.
Os nervos já não querem ser servos.
E ninguém está satisfeito.
Quem sobe quer descer.
Quem desce quer subir.
Quem corre quer divagar.
Quem vaga quer discorrer.
Foge quem quer se encontrar.
A fome se disfarça de apetite.
A essência se veste de aparência.
Quem se alegra logo pena.
Quem tudo quer não tem nada.
E ninguém está satisfeito.
Neste mundo de convencidos vencidos,
como pode estar satisfeito o poeta,
criatura que dialoga, o tempo todo,
com Deus e os demônios?

CONSIDERAÇÕES SOBRE A PUNHETA

Tocar punheta é o cara literalmente se foder.
É um pugilato covarde: cinco contra um.
Uma punheta vale por duas partidas de futebol.
A punheta exige mais exercício de imaginação
do que um livro de poemas.
A punheta é a maior prova de autonomia que existe.
Todo punheteiro merece o prêmio Nobel do
individualismo.
A ONU deveria instituir o Dia Mundial da Punheta,
embora todo dia seja seu dia
(com exceções e sem excesso).
A OMS deveria recomendar a punheta como um
eficaz ansiolítico.
Um brinde aos punheteiros do mundo,
pelo favor de não aumentar a população do Planeta!

O ELOGIO DO PEIDO

O peido é o pranto das tripas:
sete metros de tripa.
Tropa de choque.
Trovas torvas e trovoadas.
Trovas.
Trevas bem claras.
O trompete retroa na espiral orgânica.
O peido é o Big Bang,
ao som do Big Ben.
Trompa ligada.
Pariu e parou.
Coquetel vaporoso,
o peido: personalíssimo, intransferível,
marginal e indiscreto,
sendo grato ao emissor,
é repugnado pelo receptor.
Bomba fisiológica
para acabar de vez com a guerra química!
Não maldigam o peido,
amigos da comunidade humana.
É ele um bálsamo para a dor de viver.

APELO

Lembrem-se de que o poeta tem um pênis.
Lembrem-se de que o pênis do poeta
carece de sua natural utilização.
Lembrem-se de que o pênis do poeta
é menos tímido do que o próprio poeta.
Lembrem-se de que o poeta tem um pênis
com a forma de caneta.
Dê de presente um pênis de poeta neste Natal.
“Ainda estou aqui”, disse o pênis do poeta!

SETE ANOS DE LEITOR

(Paródia de um soneto de Camões)

Sete anos de leitor, letras eu lia,
nos compêndios da minha estante bela.
Mas não lia o papiro, lia a tela
cinética da luz que eu pretendia.

Os dias, nessa bibliofilia,
passava lendo; a mente posta em vela.
Porém, em vez do cupim sem cautela,
era a traça que os livros me comia.

Vendo a biblioteca assim perdida,
como se a não tivera merecida,
comprei livros, recomecei a ler.

Mais comprara, em compulsiva medida,
se não fora para tanto saber,
tão diminuta esta preciosa vida!

DESCONCERTO

(Paródia de um soneto de Vinicius de Moraes)

De repente do riso fez-se o escracho,
estrepitoso e rude como a corja
e do deboche fez-se o esculacho
e assim do desconcerto fez-se a forja.

De repente o covarde fez-se macho
e foi mais bravo que a Lucrécia Borgia,
bebendo fel dentro de um grande tacho,
cantando mais que a Isabel Pantoja.

De repente, não mais que de repente,
fez-se o néscio brutal inteligente
e o sabichão converteu-se demente.

O falastrão virou gago gemente,
e foi-se embora co'o ego carente.
De repente, não mais que de repente.

DEGLUTIR-SE

(Paródia de um poema de Ferreira Gullar)

Uma parte de mim sai pra jantar.
Outra parte se lembra do Gullar.
Uma parte de mim chama o garçom.
Outra parte manda abaixar o som.
Uma parte de mim toma um grapete.
Outra lê o menu da lanchonete.
Uma parte de mim come um pastel.
Outra parte sarapatel.
Uma parte quer pato ao tucupi.
Outra pede doce de buriti.
Transformar um cordeiro
num churrasco,
e comer com tabasco e sem asco,
será arte?
Será arte?

LOUVAÇÕES

(Paródia de um poema de São Francisco de Assis)

Louvado seja o Sol, presidente-rei da luz,
que me deu por talento a chispa de um vaga-lume,
e que derrete a asa do atrevido Ícaro.
O tempo é a sua dimensão abstrata.
Louvada seja a Lua, rainha da noite, deusa primeva,
que a bota do bufão não conspurcou.
No seu chão de giz eu me deito e me deleito.
Bem-aventuradas sejam as estrelas invulneráveis,
que só conheceremos pela evolução espiritual.
Nenhum aventureiro pode rapinar as suas redomas
incandescentes.
Bem-aventurado seja o irmão vento,
que nos infunde oxigênio
e afasta de nós o gás carbônico das máquinas do mundo.
Benfeitor da humanidade,
o vento coíbe os histerismos paspalhos,
dos irmãozinhos, cujo estardalhaço
machuca-nos os tímpanos
e nos faz renunciar ao século.
Bem-aventurada seja a irmã alegria,
que me permite dar risada do meu drama.
Bem-aventurada a irmã música,
que exorciza e sublima e me faz flutuar na imensidão.

CATUNDA

(Paródia de um poema de Manuel Bandeira)

Vou-me embora pra Catunda,
Lá, sou sobrinho do rei.
Lá, terei minha coluna
no jornal que escolherei.

Lá, ganharei dois mil prêmios.
Entrarei pra Academia.
Presidirei vários grêmios.
Viverei de poesia.

Nem olharei pras mulheres,
e àquelas que tenham dono,
se contarem seus misteres,
estes só me darão sono.

Não precisarei de burro,
porquanto andarei a pé.
Jamais aplicarei murro
naquela gente de fé.

Sem pau-de-sebo ou mãe d'água,
nada me distrairá.
Só trabalharei na frágua,
polindo um rubi grená.

E quando de noite der
vontade de um alcalóide,
se algum parente vier,
atenderá um esquizóide.

Civilização maneira,
mais que a Passárgada velha
do bardo Mané Bandeira,
Catunda é uma centelha.

É uma joia no sertão,
terra dos meus ancestrais!
Vou-me embora pra Catunda.
De lá não sairei mais.

* Catunda é um município cearense, cujo nome é uma homenagem ao escritor Joaquim Catunda (ou Katunda), meu tio bisavô, historiador e senador da primeira República brasileira.

POETA DIREI QUE SOU

(Paródia de um soneto de Olavo Bilac)

Ora, falas com astros, Zé Mané?
Viste Vênus dançando com Bilac?
Sabes de que partido Plutão é?
Foste à festa com Saturno de fraque?

Tresloucado leitor de pouca fé,
eu te direi, no entanto, aguenta o baque:
Netuno me levou num cabaré.
Marte, o brigão, me ofereceu conhaque.

Inteligências artificiais,
direis, cadê o senso, meu rapaz?
Amai para entender o meu cordel.

A Via Láctea me deu leite e mel,
e a NASA me chamou para bedel,
na docência dos cursos siderais.

PSEUDO-FINGIDOR

(Paródia de um poema de Fernando Pessoa)

O crítico é um fingidor.
Finge que achou decadente
Meu solilóquio de amor,
amor que o coração sente.

E os sonetos que eu escrevo
diz que estão de pé quebrado.
Contestar eu nem me atrevo.
Se ele falou, tá falado.

E assim, na roda dos vates,
gira a entreter a razão,
um monte de disparates,
que se chama indignação.

POEMA EM LINHA TORTA

(Paródia de um poema de Álvaro de Campos)

Nunca conheci quem tivesse levado porrada da RFB.
Todos os meus conhecidos estão em dia com o SPC.
E eu, tantas vezes ralo, tantas vezes véu,
tantas vezes espectador do SBT e da CNN.
Eu, que tantas vezes não tenho tido paciência de
informar o CPF.
Eu, que tantas vezes fui indiferente à CBF.
Eu, que tenho enrolado os pés publicamente nos
tapetes do STF.
Que tenho sido grotesco, submisso e arrogante,
na condição de eleitor do PDT.
Que tenho sofrido enxovalhos,
e não mando ninguém à PQP.
E quando tenho calado, sou diagnosticado de TDH.
Eu que tenho sido cômico às cobradoras de IPTU.
Que tenho sentido o piscar de olhos dos moços do U2.
Que tenho pedido microcréditos ao BNDES sem pagar.
Eu, que quando a hora do soco surgiu, tenho gritado SOS.
Que tenho sofrido a angústia de ser reprovado na USP.

Eu verifico que fui o estudante mais vagabundo da UnB.
 Toda a gente que eu conheço e que fala comigo nunca
 respirou CO₂.
 Nunca peidou nas reuniões da TFP.
 Nunca viu um OVNI.
 Nunca foi senão imortal da ABL.
 São todos eles potências Brics, pós-doutores honoris causa,
 heróis do MST,
 professores de *Masterclass* em *leadership*.
 Arre, estou farto semi-ETs.
 Então sou só eu que não contibuo pra aumentar o
 PIB do País?
 Sou só eu que perco no câmbio do USD?
 Sou só eu tenho problemas com as siglas deste mundo?
 Sou só eu que, literalmente vil, pretendo imitar o
 Fernando Pessoa,
 como se isto me conduzisse ao CEO?

TRISTE BRASIL

(Paródia de um soneto de Gregório de Matos)

Triste Brasil, dói ver-te delirante.
 Eu, no algoritmo, tu destrambelhado.
 Tu comendo no lixo, eu recatado.
 Nós infensos à rapina mercante.

 No futebol, no Carnaval, gigante.
 Na ordem, és anão depauperado.
 Tu dormes no progresso emporcalhado,
 em berço esplêndido, andrajoso infante.

 Quisera Deus te fizesse sisudo,
 mas tu caminhas trôpego, demente,
 com teus bolsões de pobreza indigente.

 Resolve esse problema cabeludo!
 Dá cabo dessa demência indecente!
 Toma vergonha, Brasil cabeçudo!

COM FÉ E GORGULHO

(Paródia de um poema de Olavo Bilac)

Mama com fé e gorgulho, criança marvada.
Vê se te emenda e emenda a terra em que nasceste.
No tempo do Bilac não faltava nada.
Não se via um país capenga como este.

Há céu ainda e mar e noite enluarada,
mas tu, população, tu que tanto cresceste,
geraste esses mendigos ali da calçada
e a desgraça das facções, também tu nos deste?

Criança, não verás um país tão imenso,
mas só na geografia? Cadê a educação?
E a cultura, que é de onde vem o bom senso?

Os párias dormem nas caixas de papelão.
Deixemos de galhofa! Eu firmo por extenso:
Mãos à obra! –mas ó – é sem meter a mão!

AS BOMBAS

(Paródia de um soneto de Raimundo Correia)

Foi-se a primeira bomba detonada.
Outra mais. Foi ao todo uma centena
de bombas na cidade amortalhada:
Bombas, não pombas, é o que a guerra ordena.

Quem viu no vasto céu a revoadada,
não viu aves de Deus; não houve pena.
Nem sonhos nem pombais nem madrugada.
Só aviões e mísseis e gangrena.

As bombas tombam, Raimundo Correia,
matando gente e pombas nos quintais.
A bomba, aonde cai, tudo incendeia.

Jardins da Babilônia não há mais.
De bombas seja isenta a nossa aldeia.
E venham as pombas, celebrando a paz!

O FOGO DA GLOBO

(Paródia de um soneto de Camões)

Amor é um fogo que arde na TV.
É novela que a Globo mostra à gente.
É filme da netflix, é tela quente.
Farsa que desatina, já se vê.

É um querer ver bem mais que ver pra crer.
É um solitário espectador contente.
É versão verdadeira que não mente.
É um cuidar de assistir e não perder.

Sendo o público o feliz coautor,
em tal demonstração de lealdade,
o serviço é prestado ao vencedor.

Mas como pode à inteligência humana
causar tão grande júbilo de Amor,
programação tão fútil e mundana?

SONETO DE FIDELIDADE AO HUMOR

(Paródia de um soneto de Vinicius de Moraes)

De tudo ao meu humor serei atento.
Antes, rirei de mim, qual doido santo,
que mesmo em face de um vil pensamento,
exorcize com a gargalhada o pranto.

Hei de viver em cada hora isento
da mágoa que, rindo e cantando, espanto.
Como, ao ver a moeda o avarento,
dou risada no almoço e quando janto.

E, quando a intrusa farsa da amargura,
fecha a cortina e se deita na cama,
é rindo que eu desarmo essa armadura.

Imortal não é mesmo a criatura,
posto que o riso cessa como a chama.
Mas meu humor não para, enquanto dura.

MEUS OITO ANOS DE FUSCA

(Paródia de um soneto de Casimiro de Abreu)

Ai, que saudade que eu tenho
do meu fusquinha querido,
que escutava comovido
as lamúrias dos meus ais,
e deslizava atrevido,
pelas lamas de Aquiraz.

Era feito um calhambeque.
Que potente era o seu breque!
A Volkswagen já não faz
máquina tão pertinaz
que os anos não trazem mais.

Sem água no radiador,
com três litros no motor,
subia as dunas do porto
e descia em ponto morto,
cruzando o sinal fechado,
com o pneu avariado.
Nunca ia pra oficina,
Já, quase sem gasolina,
ia além de Teresina,
e, em Parnaíba, no cais,
deixava tudo pra trás.

Com certeza, era capaz
de chegar até a Goiás.
Ai, que saudade que eu tenho
daquele veloz engenho,
do meu fusquinha eficaz,
que os anos não trazem mais.

QUEM SEMPRE VENCE

(Paródia de um soneto de Augusto dos Anjos)

Pega a vassoura, pega o Detefon,
e vê se afasta o enorme besteirol,
que se apregoa, na imagem e no som,
ao redor das cabeças-de-mongol.

Veio o Einstein com o Santos Dumont,
veio a Anvisa, com um aerossol,
veio toda a orquestra do odeon,
veio o Velho do Mar com seu anzol.

Ninguém pôde acabar a grande asneira,
que prolifera pela Terra inteira,
em parceria com a cretinice.

Invicta permaneceu a besteira.
É campeã em tudo, e não tem vice,
que ninguém vence a força da burrice!

ÁRIA CAMONIANA

(Paródia de um soneto de Camões)

Pátria minha gentil, que permaneces
repousando num berço eternamente,
com o raio fúlgido, às vezes te aqueces,
mas marchas ao porvir tão indolente!

Se aí no assento baixo as minhas preces
chegarem até aos deuses de repente,
vê se dos teu poeta não te esqueces,
e viva eu cá no teu futuro crente.

Badalo sinos para que despertes.
Ao padre Ciço rogo ou ao pajé,
para que cedo te ponhas de pé,

e os relógios do progresso consertes,
que já tem gente até perdendo a fé,
ao ver-te em mãos de pulhas e de inertes.

VERSOS POPULARES

(Paródia de um soneto de Augusto dos Anjos)

Vês! Ninguém assistiu à providência,
prometida pelo governo astuto,
pra nos tirar do poço da indigência,
e, portanto, tem muito eleitor puto.
Toma o isqueiro, acende o teu charuto,
antes que a Sousa Cruz vá à falência,
junto com o Produto Interno Bruto
Do País, em estado de emergência.
Somente a indignação, essa peleja,
pra sair do buraco é o que nos une.
A mão que vota é a mesma que apedreja.
Para ficar de tal estorvo imune
e essa mão vil canalhas não eleja,
escarra nessa urna malfazeja!

EXORCISMO

(Paródia de um soneto de Florbela Espanca)

Minh'alma te rechaça e não duvida,
que até o GPS quer se perder,
pra não cruzar contigo; não quer ver,
uma pessoa doida e atrevida.

Onde tu és chegada eu sou partida.
Saio correndo logo pra não ler,
no pavoroso livro do teu ser
a mesma intriga, sempre repetida.

Tudo no mundo é caro, nad'é de graça,
mas não vale um vintém a tua pirraça.
Vê se deixa de falar mal de mim.

Sai desse rumo e larga dos meus rastros,
não podes escandalizar os astros,
pois a infâmia cruel chegou ao fim.

EPITÁFIO BOCAGIANO

(Paródia de um soneto de Bocage)

Quando o meu corpo dormir numa laje,
e o mundo já não der pela minha falta,
verei Manuel Maria du Bocage,
sendo da nave do Caronte o nauta.

No lugar nulo onde não há ultraje,
nem tristeza nem medo entram na pauta,
blusas de vento serão o meu traje,
lá, no silêncio onde ninguém se exalta.

Estarei morto, mas serei eterno,
pois morto está o réu que prevarica,
e não valora as primícias da crica.

Bocage, o putanheiro, deu a dica.
Escribas do Paraíso e do Inferno:
digam que fui poeta e usei a pica.

MOTIVAÇÃO

(Paródia de um poema de Cecília Meireles)

Eu roubo porque a política existe
e a democracia está completa.
Sou mais alegre do que triste.
Não sou pateta.
Ladrão das verbas fugidias,
sinto mais gozo que tormentos,
embolsando noites e dias,
proventos.
Só desmorono, não edifico.
Não sei se furto ou prevarico,
mas diga ao povo que eu fico.
Só sei que sou eleito
e que não mudo.
Tem voto eterno a urna falseada.
Mas sei que um dia roubarei tudo,
mais nada.

TRÊS EPISÓDIOS DRUMMONDIANOS

1. O poeta municipal
e o poeta estadual mijam.
O POETA FEDERAL
OURINA.
2. Eu preparo uma canção
que faça adormecer os insones
e acordar os preguiçosos.
3. Tinha uma pedra no meio do dedal
do infeliz que a jogou da janela de um arranha-céu.
Tinha uma pedra voando, velozmente,
no vácuo, em queda livre,
com aceleração constante,
em direção à quase vítima.
Tinha uma pedra, atirada por um doido cruel.
Nunca me esquecerei desse episódio,
visto por estas retinas,
que nunca se cansam de ver.
Tinha uma pedra, e não uma pena.
A pedra caiu, mas não atingiu
o transeunte noturno.

MINHA BANDA

Minha banda tem Bandeira.
Cante aqui, Gonçalves Dias.
Cadeira de brincadeira.
Arca de Academias.
Da cadeira brinco, à beira.
Mesa de luz – alquimias.
Deitado na minha esteira,
na rede das fantasias.
Minha terra tem lençóis,
arriba dos arrebois,
cravejados de folias.
Tantas luas, tantos sóis,
tantos nós de nostalgias.
Solo em sol bemol, a sós.

TROCADOS E TRUNCADOS

Pela barba rosa do Barbosa.
Pelas bordas burdas dos bordéis.
Tu — só tu, barão —
pões as barbatanas de molho.
Valentino tá valendo um hino
do que eu tava lendo.
O belo bardo Abelardo
abalou o lombo de um lombardo.
Com o laudo de uma lauda,
Aldo deu láudano à aldeia.
Entre Hélio e epitélio,
o epíteto de Eliot.
No acaso do acaso,
há a causa do caso
do casal do casebre.
Uma zebra num casulo.

MAIS UNS TROCADOS

Com quantos cobres
descobres um pobre?
O pobre tem um *pobrema*.
E a solução
é o soluço ou a loção?
Escombros
assombram-te os ombros?
Assumimos a sombra do que somos:
a suma idade da sumidade.
Anacreonte crê ser anacrônico.
Crescer com Crescêncio.
Atingir o tino com Quintino às quintas.
Há quem sinta já a cinta do Jacinto.
Aquém e além,
ame-o ou amanse o Amâncio.
Sacopenapã!
Um sapo caiu na Sapucaí.
Pirajá? Já pirou em Arapiraca.
Já não irá a Irajá.
Se a mucama não se manca,
fazendo escambo no mocambo,
com a magia de Saramago,
retiro da cartola
dois coelhos e um Paulo.
Por trigo, não intrigam os tigres.

HEBDOMADÁRIO

Domingo, bicho e bingo.
Guarda o dom do autodomínio.
Sábado, Ernesto Sabato.
Sabatina, batina do Black Sabbath.
Sexta, cesta de besta.
Faz-se uma sesta.
Quinta (quinto dos infernos):
passeio no quintal.
Quarta, quartinha de aguar dentes:
recolhe-te ao quarto!
Terça: terçã, pega o terço e reza.
Segunda: seguir, segurando a bunda,
pra não ficar só na primeira.
E a Primeira?
Sem eira nem beira.

RIMAS EM “U”

Mosca grande é urubu.
Tem pirão de peru no Peru.
Vou, de Ipu a Katmandu
E volto pra Bangu, pra comer caju.
Tem guru de Itu a Honolulu.
Peido é furacão de cu.
De Iguaçu a Bauru,
tem caruru, cupuaçu e pirarucu cru
no menu.
só não vi canguru no Candiru.
Mingau de milho é angü.
Tá de butuca, tu, em Botucatu?
Onde tá tu?
No tato do tatu?
No Curuzu tem índio nu?
No lago azul tem cururu,
educado em Sudoku?

FRENÉTICA MENTE ZOL

(Parceria com Agamenon Honório)

A Zol está só.
Vamos arranjar um Omeprazol.
Zol está só ao Sol,
na soleira de Zola.
Isolemo-la
da influência da Isoflavona.
Isoflavona são duas irmãs:
Isa e Flávia.
E são grandonas.
A lógica da Zol é zoológica.
Manual Capivarol
recheado de besteírol.
Daí o Zolpidem,
que pedem pra Zol.
E o Metronidazol?
Mete? na Zol?
Zolfest, uma festa pra Zol.
Zopa e pão na ceia da Zol.
Pharmaceia de plantão.
Quanta Zolidão!
Nunca estamos zós.
Z.O.Z na zona zodiacal.
Assim falou Zaratustra.
Zerá?

FOMINHAS

Fominha danada,
de alma penada,
quer tudo e nada!
A viagem inaudita do sibarita,
no transatlântico troglodita.
É um ir e vir para usufruir
do visual da vizinha do Vizir!
Que indica a rica obstinação ridícula?
É sádica essa dica?
A fofoca foca no foco da foca?
Fisga o Fisco quem mija na botija.
Sonho que suponho,
pretérito bisonho...
Viva a pátria escangalhada
pela canalha de cuia e tralha!
Vamos a uma trama que nos valha:
nada se energiza, “apenasmente” se
“energumeniza”.
Apenas mente, e nada capta, a mente mentecapta.

LOGOFOLIAS

(Parceria com Antônio Gutman)

Falou o Pen Drive ao Pen Clube:
somos da tribo da caneta.
Fiz *login*, logo, existo.
Do *login* ao *logout*, o universo em expansão.
Ontem – *hotdog*.
Hoje – Hotmail. Instagram? Estragou.
O Gmail tomou gemada e gemeu a noite toda.
YouTube. Nunca entrei num tubo.
Meu cérebro já foi uma IBM.
Hoje, não passa de um HD.
O LP, o CD e o Ph (do PhD) cabem num HD.
CPF: Centro de Perfeição Financeira.
Se o INSS não der um desconto no IPVA,
eu apelo pro FMI,
antes que o SPC chame o FBI ou a KGB.
SPC – Se pensasse... FMI é o FIM! KGB
– comprei um Ford K na Guiana Britânica!
O INSS já foi INPS – P. S.:
POESIA SIMPLEMENTE IN!
IPVA – VÁ AO IPÊ!
No *backup*, o *laptop* pensou que era um *notebook*.
Por DHL, o LP e o CD mandaram
lembranças ao DVD, que virou um *transformer* em PDF.
Computador: computa tudo; até, a dor.
Me serve um PF, enquanto eu vou ao WC.

VIVA O W: WC, BMW, VW. O W ESTÁ EM TUDO!
WHAT? WHO? WHEN? WHICH? WHERE?
WOMEN! WONDERFUL!
Os vês gêmeos se uniram tanto que forjaram o W.
A conjunção de U + U = W. Até as letras trepam!
O W deu uma cambalhota
para impressionar o *alter ego* M.
O N está com inveja. Falta a ele uma perna!
Disse o W ao M: você parece uma samambaia.
Disse o M ao W: você parece um mandacaru.
O M e o W namorando. Amor entre as letras.
Entrelaçados. Puro 69.
O M são duas torres góticas,
dois cones movidos para o alto,
dois triângulos agudos, duas orelhas de morcego,
dois peitos de uma mulher deitada.
O W achou de ser o contrário de tudo isso.
Já o H é o primeiro degrau.
O I é um poste sem fio.
O T é uma cruz sem ápice.
O U é uma taça sem haste.
O Z, o percurso de um raio.
ALFABETO: A Alfa e o Beto se casaram
e tiveram 23 filhos nacionais e três internacionais.
A língua é uma centopeia,
cujas perninhas são as letras.
A mímica é o filme mudo da língua universal.



Em apoio à sustentabilidade e à preservação ambiental, a EDITORA KELPS declara que este livro foi impresso com papel produzido de florestas cultivadas em áreas degradadas e que é inteiramente reciclável.

Este livro foi impresso no
parque gráfico da EDITORA KELPS
para a VENTURA EDITORA
no papel: Polen 80g/m²,
composto nas fontes: Playfair Display e Cinzel
Setembro, 2025

A revisão final desta obra é de responsabilidade do autor